



revista
brasileira
de estudos
em
dança

Processos de subjetivação e de formação nas Danças Circulares Sagradas

*Subjectivation and educational processes
in the Sacred Circle Dances*

Potyra Curione Menezes

Flávio Soares Alves

MENEZES, Potyra Curione; ALVES, Flávio Soares. Processos de subjetivação e de formação nas Danças Circulares Sagradas. **Revista Brasileira de Estudos em Dança**, ano 01, n. 02, p. 37-53, 2022.



RESUMO

Propomos observar possíveis ressonâncias entre a experiência corporal-coletiva instalada nas Danças Circulares Sagradas (DCS) e os processos de subjetivação/ formação. Para tanto, buscamos respaldo na abordagem enativa para traçar composições com um relato envolvendo esta prática. Partiu-se da seguinte questão: como a dinâmica relacional das DCS pode oferecer espaços potentes de encontro com forças que intensificam nossa experiência de si e mobilizar processos formativos de focalizadores(as) de DCS?¹ Observou-se que a prática das DCS promove um envolvimento intenso que reclama por uma calibragem perceptiva de seus participantes. Tal calibragem se evidencia entre as dimensões das sensibilidades e do sagrado, por uma perspectiva ética e estilística que vai constituindo não só os processos de subjetivação, como também o movimento formativo do(a) futuro(a) focalizador(a) de DCS.

PALAVRAS-CHAVE Danças Circulares Sagradas; Subjetivação; Cuidado de si; Educação; Estilística da existência

ABSTRACT

We propose to observe possible resonances between the corporal-collective experience installed in the Sacred Circular Dances (SCD) and the subjectivation/ educational processes. Therefore, we seek support in the enactive approach to draw compositions with a report involving this practice. The starting point was the following question: how can the relational dynamics of the SCD offer powerful spaces for encountering forces that intensify our experience of the self and mobilize educational processes for the teachers? By placing this question within the scope of the report in focus here, it was observed that the practice of the SCD promotes an intense involvement that demands a perceptive calibration of those who participate in it. Such calibration is evidenced between the dimensions of sensibilities and the sacred, through an ethical and aesthetics perspective that progressively constitutes not only the subjectivation processes, but also the educational movement of the future SCD teachers.

KEYWORDS Sacred Circle Dances; Subjectivation; Care of the self; Education; Aesthetics of existence.

¹ Aquele(a) que, não só conduz a roda, mas também tem a função de “colocar e sustentar o foco”, isto é, de contribuir na intensificação desta experiência expressiva.

Processos de subjetivação e de formação nas Danças Circulares Sagradas

Potyra Curione Menezes²

UNESP de Rio Claro

Flávio Soares Alves³

UNESP de Rio Claro

² Potyra Curione Menezes é educadora graduada em Letras, Mestre em Linguística Aplicada pela UNICAMP, Tradutora da língua inglesa, Mestre em Desenvolvimento Humano e Tecnologias pela UNESP de Rio Claro, sendo a dissertação intitulada “Focalizadores(as) de Danças Circulares Sagradas no Brasil em seus Processos de Form(ação)”. Possui também uma formação holística em Danças Circulares, Reiki, Estimulação neural e Meditação. Desenvolveu projetos com Danças Circulares em instituições como o Centro de Ressocialização Feminino e o Centro Dia do Idoso, além de ministrar aulas semanais e workshops de Danças Circulares, entre outros, na cidade de Rio Claro.

³ O Prof. Dr. Flávio Soares Alves é docente do Departamento de Educação Física da Unesp de Rio Claro. Graduado em Educação Física pela Unesp de Rio Claro, Mestre em Artes pelo Instituto de Artes da Unicamp, Doutor em Ciências pela Escola de Educação Física e Esporte da USP. Pesquisa os movimentos da invenção, a aprendizagem do/no corpo, o cuidado de si e a arte do viver na capoeira, dança e outras práticas corporais. A partir destes focos de trabalho movimenta suas investigações, tendo como referencial teórico-conceitual e metodológico a filosofia, as artes e as ciências humanas. Tem ampla experiência na pesquisa em dança e práticas corporais. Atua no âmbito da extensão, graduação e pós-graduação com essa temática e as práticas de pesquisa que veicula gravitam ao redor da dança.

Introdução

Estamos especialmente em um tempo em que o corpo não passa de um objeto: de desejo, fútil, de estética estéril, de uso meramente utilitarista, além de fragmentado. Ou o cultuamos – e vale qualquer sacrifício para mantê-lo nos padrões socialmente “aceitos” – ou o ignoramos como se não tivesse importância em cuidá-lo.

Assim, entre a idealidade e a inércia, perceber esse corpo em sua potencialidade (físico-afetivo-mental-energético-espiritual...) e senti-lo como espaço sagrado e de vida pulsante é essencial para que possamos viver intensamente.

No entanto, como mobilizar essa dimensão intensiva da vida? É preciso salientar, desde já, que não existe uma resposta cabal para essa pergunta, haja vista que a experiência que intensifica a existência nunca pode ser dada de antemão, como regra geral ou princípio universal de ação. Isso força a dispersão do esforço reflexivo, apontando para multiplicidades, o que significa dizer que o sujeito é constituído por uma multiplicidade experiencial, uma vez que se vê atravessado e povoado por fluxos múltiplos (HUR, D. U, 2013). Tais multiplicidades estão atreladas a uma ação que, por sua vez, dinamiza o enquadre perceptivo na experiência de movimento, atualizando, sempre e a cada vez, a expressão de nossas corporeidades.

É desse lugar, só localizável na experiência de movimento, isto é, na ação de se relacionar com o mundo e de cuidar de si, que situamos as reflexões deste trabalho, de modo a se ocupar com as práticas, por meio das quais constituímos nossos modos de ser e agir.

Para calibrar a atenção na direção destas práticas, buscamos respaldo, em um primeiro momento, em uma pista oferecida por Artaud.

É no corpo do homem que ocorre a confluência das forças presentes no cosmos, é pela interdependência entre micro e macrocosmo que o divino se manifesta. Existe uma 'saída corporal para a alma' que 'permite encontrar esta alma num sentido inverso e reencontrar o ser'. E alma é sopro de vida, corpo pulsante, ritmo, respiração (ARTAUD, 1987, apud BRITTO, 2001, p.6).

É a pista do corpo, portanto, entendido como lugar movente, por onde passa “a confluência das forças presentes no cosmos”, que gostaríamos de situar os contornos deste artigo. E para balizar a inscrição desses contornos, recorreremos a uma experiência de encontro com as Danças Circulares Sagradas (DCS) para que, a partir de uma prática concreta, busquemos indícios dessa “confluência de forças”, sugeridas por Artaud.

As DCS podem ser apresentadas como uma prática expressiva dançada em roda, composta por danças tradicionais de povos e danças contemporâneas, criadas por pessoas de várias partes do mundo, que estão em constante criação e expansão, especialmente no Brasil.

Deste universo das DCS, interessa-nos observar como o cultivo, a entrega e plena disposição junto a essa prática pode oferecer espaços potentes de encontro com essa confluência das forças que intensificam nossa experiência de si, na relação que estabelecemos entre nosso próprio corpo, o espaço e os outros na dinâmica da dança feita em roda, e ao mesmo tempo possibilitam a mobilização de processos formativos de focalizadores(as) de DCS.

Para demarcar nossas discussões, dentro dessa delimitação problemática acima situada, partimos do relato de um focalizador⁴ de DCS, apresentado no relatório de seu projeto de extensão intitulado “Na roda da dança e saúde do

⁴ No caso, Lucas Vaz de Mello, cujo relato mencionado refere-se ao período em que ainda era um estagiário do 5º semestre do curso de Psicologia da UFSC e um iniciante nas DCS em 2013.

trabalhador”, do curso de Psicologia da UFSC, em parceria com o Instituto de Psiquiatria do Estado de Santa Catarina, realizado entre 2014 e 2015.

E para traçar composições com esse relato, pautando-nos em princípios da pesquisa qualitativa, buscamos respaldo na abordagem enativa, originalmente postulada por Varela, Thompson & Rosch (1992), em que a cognição é compreendida como “ação incorporada, ou seja, intrinsecamente conectada à realização biológica de um organismo” (BAUM e KROEFF, 2018, p. 208), de maneira que ação e percepção são inseparáveis. Essa abordagem traça os sulcos da escrita de um pesquisador que não se vê de fora do universo que pretende estudar. Há uma quase indissociabilidade entre o fenômeno estudado e a percepção que o percepta. Aqui, dá-se espaço para que a ação seja guiada pela percepção que está o tempo todo em mutação, de forma que, nesta impermanência, vamos nos modificando, assim como ocorre com o processo de análise e escrita ao longo do percurso.

O relato e seus desdobramentos

Antes de apresentar o relato que subsidiará o desenvolvimento das reflexões deste artigo, é importante situá-lo em seu contexto de origem e mencionar o impacto que esse relato teve ao senti-lo na potência de sua escrita, a ponto de mover-nos a toda esta discussão.

Tudo aconteceu em uma supervisão de estágio da UFSC no Instituto de Psiquiatria do Estado de Santa Catarina, quando o psicólogo desse Instituto pediu que os estagiários participassem das rodas de DCS que eram focalizadas por uma professora que coordenava o Centro de Educação (CED) da UFSC. Um dos estagiários, que era aluno do 5º semestre do curso de Psicologia da UFSC, resolveu participar, ainda que não tivesse a mínima ideia do que seriam as DCS. Em

sua história de vida, havia um misto de desejo e medo em relação a sua entrega às danças e esta experiência lhe parecia ser uma possibilidade de se libertar das travas que o impediam de deixar seu corpo fluir sem medo.

Em seu relato - desde sua revelação a respeito de seu nervosismo quando chegou para a aula de DCS até a sua primeira impressão ao entrar na sala e sentir a harmonia entre todas as mulheres participantes daquele grupo e do ritual de arrumação do centro e de iniciação - percebemos a sua sensação de acolhimento. Em suas palavras, *“Fui abraçado e ouvi três palavras que jamais saíram de minha cabeça: Seja bem-vindo!”* E essa sensação, que perdura por todo seu relato, ainda se faz sentir em outros trechos: *“O grupo acolhia (...). Eu era uma célula de um grande corpo circular que se abriu e me acolheu como parte. (...) E assim, encerrou a roda. Com um abraço circular, agradecimentos, respirações e uma nova sensação: eu dancei!”*

Seguem, então, alguns excertos dos relatos deste estagiário, depois de sua primeira experiência com as DCS, para comporem com nossas reflexões.

Dança e educação

E foi assim, pela primeira vez em minha trajetória acadêmica, que depois de terminar uma dança errando do começo ao fim, que me surpreendi: ninguém me corrigiu! Como assim??! Cadê as tradicionais correções e métodos de se aperfeiçoar o movimento? A estética tão visada por nossa sociedade, onde estava?! Para onde haviam ido os olhares críticos lançados àqueles que sempre erram? Conversinhas de canto sobre os novos alunos?! Por onde caminhava a academização da academia?! E nada aconteceu! A música terminou e passamos para a próxima, próxima, próxima... e por mais que eu errasse, em momento algum fui corrigido ou apontado como tal.

Na grande maioria das vezes, no modelo de academia em que somos inseridos, aprendemos a ver e ouvir o que nos é mostrado e dito sem nos questionarmos como nos sentimos em relação a isso, se aquilo nos faz sentido ou se poderíamos ser e fazer de outra maneira. Somos tolhidos e, quanto mais adultos nos tornamos, nos boicotamos sem nem perceber. O que dirá em relação ao trabalho com o nosso corpo?

Em geral, nas escolas, não somos apresentados a práticas que possam nos proporcionar momentos de percepção corporal, de sensibilização, de criação, o que nos torna pessoas cada vez mais passivas, inexpressivas, despotencializadas e infelizes. Somos autômatos (re)produzindo o que o sistema assim nos condiciona a entender e aceitar que é a única maneira de se viver, de ter sucesso, de ser alguém e a se preocupar mais com o acertar do que com o próprio movimento, seja do corpo ou do pensamento.

Às voltas com aquilo que vaza e intensifica a constituição de nossa subjetividade, é importante dar visibilidade aos movimentos que lapidam modos de ser e agir dos sujeitos, implicando nossas vidas no exercício formativo. É aqui que as práticas, nas quais o sujeito implica-se, vão aparecer como fontes nutridoras desses movimentos pulsantes que são essenciais para dar vazão e aguçar sua percepção no percurso de seus processos de subjetivação e formativos, já que esses processos estão imbricados um com o outro.

Chaves e Ratto (2018) sugerem que a riqueza do processo de formação está “na abertura às forças do acontecimento”, na “exposição à diferença” que é “manifestação singular que não se gruda às identidades sociais pré-fabricadas” (p.190). Trazem a importância do conceito de “vulnerabilidade”, de acordo com Deleuze, nesse processo singular, constitutivo de subjetivação, onde

mostrando nossas fragilidades e limitações, “ganhamos em potência aquilo que, aparentemente, perdemos em imagem idealizada de nós mesmos” (Ibidem, 2018, p.194), pois é no processo de desidentificação, de abertura ao desconhecido, ao inesperado, à “desordem”, ao conflito e no encontro com a alteridade que podemos inventar novos caminhos e viver intensamente algo novo.

De fato, precisamos de práticas que estimulem o sensível e a criatividade, práticas de cuidado de si que constituem o sujeito através de suas experiências, em seus processos de subjetivação, de governo de si, que implicam a relação consigo e com os outros em uma forma de existência ética e estética, o que Foucault denominou de “estilística da existência” (FOUCAULT, 2004a). Em linhas gerais, a “estilística da existência” inaugura um nível de composição e análise acerca das subjetividades, que nos convida a pensar sobre os labores que operamos sobre nós mesmos para nos tornarmos quem queremos ser. Tais labores orientam todo nosso esforço e atenção na direção das práticas com as quais nos dedicamos e que transformam nossa experiência de si mesmo⁵ (TAYLOR, 2018; GALLO, 2008; ALVES, 2011).

⁵ Esse "si mesmo" refere-se a uma flexibilidade, isto é, um retorno, uma conversão de si sobre si mesmo, e deve ser entendido como prática, ou seja, como “*uma maneira de se relacionar consigo mesmo para se constituir, para se elaborar*” (GROS, 2008, p. 128). Na leitura de Foucault, esse "si mesmo" esteve em curso na espiritualidade antiga, daí ele ter operado seu esforço genealógico na busca por esse princípio de ação. Para tangenciar esse "si mesmo", seguindo a genealogia Foucaultiana, será preciso desnaturar aquela identidade estática tão intimamente incrustada em nós pela moralidade cristã e pela lógica da modernidade. Tal identidade estática insiste em recobrir, reprimir, tolher e moldar nossa identidade aos olhos do “conhece-te a ti mesmo”. Assim, sob o enfoque do conhecimento de si, em detrimento do cuidado, renunciamos a nós mesmos, em função da legitimação da moralidade cristã e da lógica do discurso científico, tal como é talhada na modernidade. Nos domínios de "si mesmo" rompe-se com as tramas do conhecimento devido de si, na busca por uma intensificação da presença para si mesmo, como diria Gros, apoiado em Foucault. Nestes termos, o "si mesmo" aqui reiterado seria “... *um exercício de concentração de si sobre si mesmo, não para se oferecer como objeto de observação introspectiva, mas para que seja possível um acompanhar-me.*” (GROS, 2008, p. 130). Neste sentido, este "si mesmo" refere-se a um “*permanecer totalmente presente a si mesmo*”, (...) refere-se a um “*estar completamente atento às suas próprias capacidades. Este conhecimento de si não divide interiormente o sujeito segundo o fio do conhecimento (sujeito que observa/objeto que é observado); ele é, antes, da ordem de um esforço de vigilância que intensifica a imanência a si mesmo*” (GROS, 2008, p. 131).

Desta forma, é preciso “acolher a vulnerabilidade a que estamos expostos, e que é constitutiva dos processos de transformação”, transgredir e adquirir “potências para as linhas de fuga” que, de acordo com o pensamento de Deleuze, são “as múltiplas possibilidades que temos para aprender”, a “capacidade de perceber a potência que está a nossa volta” através dos encontros (CHAVES e RATTO, 2018, p. 192). No entanto, viver o estranhamento e vivenciar o estado de vulnerabilidade não é fácil, é um processo de sofrimento, pois não é previsível, é da ordem daquilo que vaza.

Há que se compreender que o conhecimento está em constante construção a partir da experiência e, portanto, que o conhecimento de si está em um eterno devir na relação com o mundo e em consonância com as práticas de cuidado de si. Trata-se de um processo constitutivo do ser em ação a partir de movimentos formativos que lapidam modos de ser e agir dos sujeitos, implicando suas vidas no exercício formativo - entendendo aqui formação como um processo mais complexo de ação do indivíduo em relação à sua própria constituição de ser. E este percurso exige um labor, um exercício de si sobre si mesmo, uma entrega, com persistência e dedicação, uma busca de existência ética na relação consigo e com o outro que, ao invés da renúncia de si, nos possibilita a transformação, para (des)(re)construir possíveis verdades.

Foucault traz aos tempos modernos as práticas de si da cultura greco-romana antiga, pois diferentemente deste momento em que vivemos, conhecimento e ética não se separam lá, onde o conhecer está subordinado ao cuidado de si mesmo por um sujeito da ação, ético, que se constrói, se transforma, como “exercícios espirituais” que levam à elaboração de modos de vida, de existência, através da arte de viver. Não é um exercício fácil, é uma conquista difícil. É um exercício de apelo à vigilância e à atenção e NÃO à decifração da natureza secreta (STONE, 2018, p.188).

Ainda de acordo com Foucault em uma entrevista:

Dentre as invenções culturais da humanidade, há um tesouro de dispositivos, técnicas, ideias, procedimentos etc., que não pode ser exatamente reativado, mas que, pelo menos, constitui, ou ajuda a constituir, um certo ponto de vista que pode ser bastante útil como uma ferramenta para a análise do que ocorre hoje em dia – e para mudá-lo (DREYFUS & RABINOW, 1995, p. 260, 261).

Tomando as práticas de si nesta perspectiva foucaultiana, percebemos que a subjetividade pautada nos modelos e padrões é alienada, e a vulnerabilidade é um ato de resistência a essa subjetivação alienada em massa. Portanto, a subjetividade autêntica, a que nos referimos, protagonizada por nós mesmos, é “como aquilo que efetiva o modo singular que cada um de nós tem de viver e/ou experimentar os acontecimentos da vida” (CHAVES E RATTO, 2018, p. 190).

Por que não podemos decidir como queremos ser, agir e conduzir nossas próprias vidas? Por que não ganhamos espaço desde nossa tenra infância para nos cuidarmos e voltarmos-nos a um olhar mais atento, inclusive percebendo nossas incertezas sobre nós mesmos, abrindo-se “asas” para o novo que se apresente de forma que possamos nos “metamorfosar”? Por que viver sob o medo do erro em detrimento à coragem de ousar e aventurar-se ainda que “errante”? Ser errante sem medo de errar, que alívio!!!

A magia da roda

Além disso, ao longo da roda, a cada música, sentia minhas mãos se aquecendo. Estava em contato. Contato com outras mãos, com os olhares, com a emoção e com a energia que a dança e que o grupo potencializava a cada momento. Passei a sentir meu corpo mais relaxado, porém segui errante até o fim. E feliz, naquele momento eu errava e sorria! E quanto mais eu errava, mais tranquilo eu ficava. O grupo acolhia, o grupo dançava, o grupo ria, o grupo era o

responsável por todas as manifestações que ali ocorriam. Eu era uma célula de um grande corpo circular que se abriu e me acolheu como parte.

Este encontro com o outro, essa sensação de unidade, de acolhimento, de pertencimento, são acontecimentos que caracterizam grandemente o movimento das Danças Circulares. Sim, na roda a gente erra e acerta, mas o “erro” não impede que a roda flua, e nesse fluxo da entrega dos corpos envolvidos intensamente pela música, pela dança e pela calibragem da energia que nos faz sentir, como disse o estagiário em seu relato, “*uma célula de um grande corpo circular*”, estamos diante de um “centro de envolvimento” (DELEUZE, 2006) em que a magia se faz, o sagrado se manifesta, os obstáculos se dissolvem, as singularidades emergem e abrimo-nos para um diálogo corporal com o outro (ALVES, 2011).

Esse conceito que Deleuze (2006) desenvolve de “centros de envolvimento”, ele denomina de “valores próprios de implicação em um dado sistema”, que procedem a interiorização de fatores individuantes (p. 244). Traçando um paralelo da analogia que Deleuze faz da entropia com esse conceito de “centro de envolvimento”, no caso das DCS, seria como se os corpos fossem afetando e sendo afetados por esses valores de implicação na roda, que têm uma graduação de intensidade singular para cada indivíduo por conta dos fatores individuantes, numa calibragem energética.

Neste contexto, assumimos também as DCS como um espaço sagrado e meditativo que se cria em cada um e no coletivo (WOSIEN, 2000), que implica, necessariamente, a relação consigo e com o outro em um mergulho no silêncio, na escuta corporal, na sensibilização pelos movimentos, pela música e por todo o cenário que possa compor o ambiente desta prática, pelo afeto que transborda, pela pulsação da roda, o fluxo de energia, enfim, pela magia que acontece.

“Aquele que medita dançando encontra um adensamento de seu ser em um tempo não mais mensurável, no qual a força mágica da roda se manifesta” (Ibidem, 2000, p.29).

Mas o que é sagrado? Que espaço é sagrado? Em todos os tempos o sagrado apresentou-se na vida do Homem. De acordo com Eliade (2010), “quando o sagrado se manifesta” (...) há a “revelação de uma realidade absoluta, que se opõe à não realidade” (p. 25). Portanto, mesmo para o homem não-religioso há “locais privilegiados, qualitativamente diferentes dos outros”, e seja lá qual for o acontecimento que pertença a esses “locais privilegiados”, “são lugares sagrados (...) como se um ser não-religioso tivesse tido a revelação de *outra* realidade” (Ibidem, 2010, p.28), pois “o sagrado é o real por excelência, ao mesmo tempo poder, eficiência, fonte de vida e fecundidade” (Ibidem, p. 31).

Entendemos que, para vivenciar e construir um espaço sagrado, não necessariamente precisamos de templos ou locais específicos, nem seguir esta ou aquela religião. Não se trata de religião e sim de espiritualidade, uma espiritualidade imanente, entendendo espiritualidade como “a busca, a prática e a experiência através das quais o sujeito realiza as transformações necessárias em si mesmo, a fim de obter acesso à verdade” (FOUCAULT, 2005^a: 15, apud STONE, 2018). Trata-se de “assumir a criação do ‘mundo’ que se escolhe habitar” (ELIADE 2010, p.49).

Da nossa perspectiva, tudo o que (nos) move é sagrado, o que nos afeta e transforma nossas antigas formas de ser, pensar e agir... é o lugar que nos habita e que escolhemos habitar, que se preenche, se esvazia e ao mesmo tempo faz todo o sentido. Que nos arrepia, que abre os poros, que se manifesta do encontro entre o que nos penetra e o que transborda de nós, que é inexplicável, mas que nem precisa ser explicado, porque demanda o sentir, a experiência viva do

sentir, do pulsar, do impulso criativo em movimento, de força e potência de vida, de conexão entre cada um de nós, o tudo e o nada. Lugar eternizado, onde o acontecimento se apresenta, a entrega se rende e o inexplicável acontece.

E é nesse lugar, onde somos arrebatados e que escolhemos habitar, mesmo que provisoriamente, onde nos rendemos aos acontecimentos e vivenciamos a entrega despreziosa de resultados, que podemos experimentar nossos processos de subjetivação de forma mais autêntica, que, de acordo com Gros, para Foucault seria “uma maneira de se relacionar consigo mesmo para se construir, para se elaborar” (GROS, 2008, p.128).

Afetividade e transformação

E assim, encerrou a roda. Com um abraço circular, agradecimentos, respirações e uma nova sensação: eu dancei!

Saí daquela sala e, antes mesmo de chegar ao ponto de ônibus para regressar para minha casa, o som de Bach ainda me permeava a cabeça. A dança do sol, a primeira dança circular que realizei na vida, marcou meus batimentos cardíacos por uma semana... e por uma semana cantarolei e tentava reproduzir os passos sem a música, em frente a amigos, no hospital em que fazia estágio. E o “trás, trás, balança, balança, frente, frente, lateral juntou” passou a ter algum sentido além de uma sequência de passos dançantes.

A partir daí foram muitas outras músicas que passei a cantarolar e a tentar decifrar por pontos de ônibus, salas de aula, cozinhas e até em banheiros. E por um ano inteiro segui como dançante, nas rodas da UFSC, ampliando vínculos e fazendo bons amigos na dança. Assim foi até o projeto ‘Na roda da dança e saúde do trabalhador’ ser aprovada pela pró-reitoria de extensão. Coordenado pela professora Terezinha Maria Cardoso, o projeto constitui em uma parceria com o

serviço de psicologia do Instituto de Psiquiatria do Estado e, a convite dos coordenadores, assumi a bolsa como extensionista do mesmo. Com o decorrer do projeto, foram muitas as formações e aulas de dança que participei, muito material estudado e muitas vivências praticadas.

Então, nos perguntamos: O que nos afeta? O que nos move intensamente em uma determinada direção? Como nos transformamos? Não temos as respostas para essas questões, mas podemos dizer que uma resposta se apresenta diante de nós e que faz todo o sentido: aquilo que está vivo dentro de nós, pulsando e gerando energia criativa! Segundo GLEIZER (2005), Espinosa, em sua teoria dos afetos, nos fala que o afeto é a transição de um estado a outro em uma relação de composição com outro corpo, que podem ser mais ou menos potentes. A alegria, por exemplo, por vezes experimentada nas rodas de DCS, é um estado mais potente, e quanto mais aumento a potência de agir do corpo, tenho mais possibilidade de afetar e de ser afetado. Quando o dançante relata: *“E feliz, naquele momento eu errava e sorria! E quanto mais eu errava, mais tranquilo eu ficava. O grupo acolhia, o grupo dançava, o grupo ria, o grupo era o responsável por todas as manifestações que ali ocorriam.”*, ele revela a expansão de sua potência, a qual se manifesta diante de certas condições afetivas que se fazem presentes.

Eis a propulsão que necessitamos para deixar que os acontecimentos fluam e que possamos olhar para eles, ouvir nosso corpo, sentir a direção do vento e bailar a nossa própria dança. A execução dos passos e o cantarolar das músicas, que nos são relatados no excerto acima, não acontecem por imposição, mas por um movimento gerado no intervalo entre o fora e o dentro, o outro e ele mesmo e que reverbera no participante, de forma pulsante, uma experiência corporal instalada nas DCS em sua intensidade e em plena multiplicidade.

Contudo, o estado de afetar e ser afetado não é algo que ocorre naquele momento e depois acabou. Isso reverbera, levamos isso conosco, ainda que já transformado, em nosso dia a dia, em nossas estruturas, em nossa forma de ver a vida e de vivê-la. É emocionante perceber isso quando relata: *“a primeira dança circular que realizei na vida marcou meus batimentos cardíacos por uma semana. (...) E por um ano inteiro segui como dançante (...) Assim foi até o projeto ‘Na roda da dança e saúde do trabalhador’ o qual ‘assumi a bolsa como extensionista do mesmo.’ Ou seja, aquele estagiário que inicialmente fora em busca das DCS cheio de medos, transformou-se em um focalizador de DCS!*

Considerações finais

Ao final de seu relato, o então estagiário e, agora, focalizador, traz um questionamento de Garaudy: *“Que aconteceria se, ao invés de apenas construirmos nossa vida, tivéssemos a loucura ou a sabedoria de dançá-la?”* (Garaudy, apud OSTETTO, 2014, p. 14), a partir do qual Ostetto faz o seu próprio: *“O que aconteceria, penso então, se nós educadores, tivéssemos a ousadia e a sabedoria de dançar a educação?”* (OSTETTO, 2014, p.14). E ele, por fim, conclui: *“O que aconteceria se nós, psicólogos tivéssemos a loucura, a sabedoria, a ousadia e por que não, a sobriedade de dançar a tal da saúde mental?!”*

Desta forma, o relato que pautou nossas reflexões dentro desse artigo, ofereceu pistas potentes para nos ajudar a pensar as DCS como um movimento de expressão que mobiliza a afetividade e o espaço sagrado dos sujeitos envolvidos e oportuniza a composição de processos de subjetivação e formativos, os quais, portanto, os convidam à composição de certa arte de viver, uma *“estilística da existência”* (Foucault, 2004a). Reforçamos aqui, que se trata de um processo mais complexo de ação do indivíduo em

relação à sua própria constituição de ser e não a “formação (...) como um processo de subjetivação externa, heterônoma, constituindo sujeitos para uma máquina social de produção e de reprodução” (GALLO, 2008, p. 259).

Por isso, neste processo constitutivo e de constante transformação, não temos outro caminho senão o autocuidado amoroso e paciente do SER que se mostra, que se relaciona e exerce o cuidado sobre o outro também. O exercício ético do sujeito no mundo passa necessariamente pelo cuidado de si que envolve o corpo em sua potência (físico-afetivo-mental-energético-espiritual...) e que clama por um olhar atento de si e do outro.

É vislumbrando essa existência ética e estética nesse processo de subjetivação pela prática das DCS, que finalizamos trazendo um conceito para os gregos da Antiguidade sobre “o dizer a verdade” que chamavam de *parrhesia*, a qual Foucault define como:

Atividade verbal na qual um falante expressa sua relação pessoal com a verdade e arrisca sua vida porque reconhece o dizer a verdade como um dever. [...] o falante usa a sua liberdade e escolhe a franqueza em vez da persuasão, a verdade em vez da falsidade ou do silêncio, o risco de morte em vez da vida e da segurança, a crítica em vez da lisonja, e o dever moral em vez do auto interesse e da apatia moral (2001:12, apud STONE, 2018, p. 190).

E assim, na dança com esses relatos de uma pessoa, cuja prática das DCS fez parte do seu processo constitutivo e de transformação, levando-a a tornar-se um focalizador de DCS, é possível sentir a força deste ato corajoso de dizer “a verdade”, por ser porta-voz da sua própria experiência. Não a verdade que nos é ensinada ou que nos incitam a dizer, mas aquela que não se cala tamanha a proporção de sua pulsão!

Não seria muito mais interessante e fecundo se, ao invés da ideia fixa de irmos em busca do acerto ou de nos acovardarmos diante do medo de errar, seguíssemos por

nossas escolhas, “dançando” pelas trilhas que se apresentassem, pouco importando o destino, mas sentindo o percurso?

Referências

ALVES, F.S. *O Corpo em Movimento na Capoeira*. 2011. 185 f. Tese (Doutorado em Pedagogia do Movimento Humano) - Escola de Educação Física e Esportes da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011.

BAUM, C.; KROEFF, R. F. da Silveira. Enação: conceitos introdutórios e contribuições contemporâneas. *Rev. Polis e Psique*, Porto Alegre, v. 8, n. 2, p. 207 – 236, 2018.

BRITTO, Beatriz de Araújo; SILVA, Armando Sérgio da. *O inconsciente no processo criativo do ator: por uma cena dos sentidos: a experiência da criação coletiva*. 2001. 132 f. Dissertação – Escola de Comunicações e Arte da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2001.

CHAVES, S.E., RATTO C.G. Fronteiras da formação em saúde: notas sobre a potência da vulnerabilidade. *Interface*, Botucatu, v. 22, n. 64, p. 189-98, jan./mar. 2018.

DELEUZE, Gilles. Os centros de envolvimento. *Diferença e Repetição*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Graal, 2006, 244-245.

DREYFUS, H. & RABINOW, P. *Michel Foucault, uma trajetória filosófica para além do estruturalismo e da hermenêutica*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995.

ELIADE, M. *O Sagrado e o Profano: a essência das religiões*. 3ª ed. São Paulo: Ed. WMF Martins Fontes, 2010.

FOUCAULT, Michel. A ética do cuidado de si como prática da liberdade. *Ética, sexualidade e política*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004a, 264-287.

_____. Tecnologias de si. *Verve*, v. 6, PUC: SP, 321-360, 2004.

GALLO, Sílvio. (Re)pensar a Educação. *Figuras de Foucault*. Belo Horizonte: Autêntica, 2008, 251 – 260.

GLEIZER, Marcos André. *Espinosa e a afetividade humana*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005.

GROS, Frédéric. O cuidado de si em Michel Foucault. *Figuras de Foucault*. Belo Horizonte: Autêntica, 2008, 127 – 138.

HUR, Domenico Uhng (2013). Memória e tempo em Deleuze: multiplicidade e produção. *Athenea Digital*, 13(2), 179-190. Disponível em: <http://psicologiasocial.uab.es/athenea/index.php/atheneaDigital/article/view/Hur>.

OSTETTO, L. E. Para encantar, é preciso encantar-se: danças circulares na formação de professores. *Cadernos Cedes*, Campinas. v. 30, n.80, 40-55, jan./abr. 2010.

STONE, B. E. Subjetividade e Verdade. *Michel Foucault: conceitos fundamentais*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2018, 185-202.

TAYLOR, Dianna. *Michel Foucault: conceitos Fundamentais*. Petrópolis: Vozes, 2018.

VARELA, F., THOMPSON, E., & ROSCH, E. *A mente incorporada: ciências cognitivas e experiência humana*. Porto Alegre: Artmed, 1992.

WOSIEN, Bernhard. *Dança: Um Caminho para a Totalidade*. São Paulo: TRIOM, 2000.

Recebido em 19 de setembro de 2022

Aprovado em 31 de outubro de 2022

REALIZAÇÃO



UFRJ

PPGDAN
UFRJ

Anda
associação nacional de
pesquisadoras em dança